



2017

UC/FPCE

Universidade de Coimbra

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Luso-tropicalismo, aculturação e atitudes face à imigração: um estudo exploratório em contexto laboral

Rute Macedo Moreira (e-mail: rutemacedomoreira@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia das Organizações, do Trabalho e dos Recursos Humanos sob a orientação de Joaquim Pires Valentim

Luso-tropicalismo, aculturação e atitudes face à imigração: um estudo exploratório em contexto laboral

Resumo

O presente estudo teve como principal objetivo aprofundar o conhecimento acerca das representações sociais do luso-tropicalismo e sua relação com as estratégias de aculturação e atitudes face à imigração. Pretendeu-se também contribuir para a validação das duas escalas utilizadas. Devido à escassez de investigação na área, foi realizado um estudo exploratório numa amostra de 169 trabalhadores portugueses. Os resultados obtidos vão no sentido de estudos já realizados, revelando, em geral, a concordância com as ideias luso-tropicalistas, e o facto de este estar associado ao preconceito. Os resultados sugerem também que há uma tendência para a abertura à imigração, pelo que a integração revelou ser a estratégia preferida para a aculturação de imigrantes na sociedade e mercado de trabalho português. Por último, foram também exploradas possíveis implicações no contexto organizacional.

Palavras-chave: luso-tropicalismo, aculturação, imigração, preconceito, refugiados

Luso-tropicalism, acculturation and attitudes towards immigration: an exploratory study in a labor context

Abstract

The present study had as main objective to deepen the knowledge about the social representations of the luso-tropicalism and its relation with the strategies of acculturation and attitudes towards the immigration. It was also intended to contribute to the validation of the two scales used. Due to the lack of research in the area, an exploratory study was carried out on a sample of 169 Portuguese workers. The results obtained are in the sense of studies already carried out, revealing, in general, the agreement with the luso-tropicalist ideas, and the fact that it is associated with prejudice. The results also suggest that there is a trend towards openness to immigration, and integration has proved to be the preferred strategy for the acculturation of immigrants in the portuguese labor market and society. Finally, possible implications in the organizational context were also explored.

Keywords: luso-tropicalism, acculturation, immigration, prejudice, refugee

Agradecimentos

A realização desta dissertação de mestrado contou com importantes apoios e incentivos sem os quais não se teria tornado realidade e aos quais estarei eternamente grata.

Ao Professor Doutor Joaquim Pires Valentim pela sua orientação, pelo saber que transmitiu, pelas opiniões e críticas, pela total colaboração no solucionar de dúvidas e problemas e por todas as palavras de incentivo.

À equipa do Mestrado em Psicologia das Organizações: aos Professores Doutores Paulo Renato Lourenço, Teresa Rebelo, Duarte Gomes, Leonor Pais e Tânia Ferraro, pelo profissionalismo e por tudo o que nos ensinam, contribuindo para a minha formação académica e profissional.

Aos diretores e trabalhadores das instituições, um muito obrigada pelo precioso tempo disponibilizado na participação deste estudo.

À Maria José Carvalho, pela sua colaboração, porque sem si não seria possível a realização deste trabalho.

À Ângela, Daniela e Rita, pela amizade, pelos momentos de trabalho, pela partilha e pelos desabafos.

Ao João, pela paciência, por ser o melhor amigo e companheiro. Pelo apoio e conselhos, pelas críticas e pela motivação. Pelas alegrias, pelos desânimos e angústias e, essencialmente, pela compreensão.

Por último, dirijo um especial agradecimento aos meus pais, por serem modelos de coragem, pelo seu apoio incondicional, amizade, paciência e total ajuda na superação dos obstáculos que ao longo desta caminhada foram surgindo. A eles dedico este trabalho.

Índice

| | |
|---|----|
| Introdução | 1 |
| I – Enquadramento conceptual | 2 |
| Luso-tropicalismo | 2 |
| O percurso de Gilberto Freyre..... | 2 |
| Teoria e ideologia | 3 |
| Críticas e atualidade da teoria..... | 4 |
| Imigração em Portugal: uma visão geral | 5 |
| Atitudes dos portugueses face à imigração | 6 |
| Aculturação | 7 |
| Dimensionalidade e estratégias | 8 |
| Modelo Interativo de Aculturação | 10 |
| A diversidade cultural nas organizações | 11 |
| II – Objetivos | 13 |
| III – Metodologia | 14 |
| Desenho da Investigação | 14 |
| Descrição da Amostra | 15 |
| Instrumentos | 15 |
| Procedimentos de investigação adotados..... | 17 |
| IV – Resultados | 18 |
| Análises Fatoriais Exploratórias em Componentes Principais | 18 |
| 1. Escala de Luso-tropicalismo..... | 18 |
| 2. Escala de Aculturação | 22 |
| Análises descritivas | 24 |
| 1. Atitudes face à imigração | 24 |
| 2. Atitudes face aos refugiados e o preconceito face ao grupo de árabes residente em Portugal | 25 |
| Estudo das relações entre as variáveis | 26 |
| 1. Escala de Luso-tropicalismo e Escala de Aculturação, atitudes face à imigração e preconceito face ao grupo de árabes residente em Portugal... 26 | |
| 2. Escala de Aculturação e atitudes face à imigração e refugiados e preconceito face ao grupo de árabes residente em Portugal | 27 |
| V – Discussão | 29 |
| VI – Conclusões | 33 |
| Referências Bibliográficas | 35 |

Introdução

O luso-tropicalismo supõe a existência duma civilização original que adveio da expansão portuguesa e do modo particular dos portugueses de se relacionar com outras culturas. Esta teoria foi aproveitada pelo regime autoritário português do Estado Novo para defender o Império Colonial, sobretudo contra as pressões externas.

Assim, considerou-se pertinente averiguar de que forma as ideias do luso-tropicalismo estão presentes nos portugueses por forma a compreender a sua influência nas atitudes e comportamento social. Não se pretende que esta dissertação seja exaustiva nos termos históricos da teoria do luso-tropicalismo, no entanto, para efeitos de contextualização, vão ser abordadas alguns aspetos base da mesma, bem como do seu autor.

Um dos maiores focos da investigação nas questões da imigração é compreender como é que os imigrantes mudam e se adaptam a um novo contexto cultural, examinando as estratégias de aculturação por eles adotadas. Contudo, a investigação que explora as perceções dos membros da sociedade de acolhimento acerca de como os imigrantes se devem adaptar à cultura do país é escassa. Desta forma, considerou-se pertinente o estudo da aculturação, através da recolha das perceções dos membros da sociedade de acolhimento, neste caso, a portuguesa, pois estes têm um papel importante na adoção de determinadas estratégias de aculturação por parte dos imigrantes, ou seja, são as atitudes dos membros do país de acolhimento que criam as condições – favoráveis ou desfavoráveis – que vão afetar a adaptação dos imigrantes. Assim, considerou-se pertinente estudar também as atitudes face à imigração, por forma a obter um conhecimento mais amplo acerca da opinião dos participantes relativamente ao tema da imigração. Para tal, foram recolhidos dados junto de uma amostra composta por trabalhadores portugueses.

I – Enquadramento conceptual

Luso-tropicalismo

O percurso de Gilberto Freyre

Não é possível abordar a questão do luso-tropicalismo sem tratar da vida e da obra de Gilberto de Mello Freyre, autor e grande promotor desta teoria. Embora o conceito do luso-tropicalismo seja a obra-prima do sociólogo brasileiro, a atuação deste no campo científico e também, indirectamente, na esfera política é muito rica. Durante a sua vida, Freyre esteve envolvido na defesa da manutenção da solidariedade entre os países lusófonos, o que era muitas vezes interpretado como uma apologia ao colonialismo português do período salazarista.

Autor de obras essenciais à teoria do luso-tropicalismo, foi com o êxito internacional *Casa Grande & Senzala* (1933) que Gilberto Freyre avançou na formulação da teoria, enfatizando o carácter particular da colonização portuguesa (Castelo, 2010; Valentim, 2005, 2011). Em Portugal, durante os anos 30 e 40, as conclusões teóricas de Freyre, não foram alvo de muita compreensão (Castelo, 2015; Valentim, 2005, 2011). Nesta altura, o discurso dominante na teoria e prática colonial de Portugal não era favorável à valorização do elemento indígena. Contudo, nos anos 60, isto viria a mudar com a publicação de várias obras de Gilberto Freyre por instituições do Estado Novo sobretudo com objetivo propagandístico (Valentim, 2005).

Apesar da relutância inicial às ideias de Freyre, as mudanças da realidade política interna e internacional nos anos pós-guerra exigiram uma redefinição dos fundamentos ideológicos da política colonial. Com a derrota dos regimes totalitários na Segunda Guerra Mundial (Castelo, 2010, 2015; Valentim, 2005), as pressões sobre o Estado Novo português fizeram com que se tentasse acalmar, não só as inquietações dentro da sociedade portuguesa, mas também as novas tendências anticolonialistas do novo sistema internacional através da adoção de algumas reformas políticas de carácter cosmético e temporário (Valentim, 2011b). Perante estes factos, a hipótese de Freyre acerca da capacidade colonizadora dos portugueses foi adotada como argumento principal para a manutenção do Império Colonial.

Assim, o governo português tirou proveito do luso-tropicalismo, apoiando-se na ideia da convivência pacífica dos colonizadores portugueses com os povos indígenas, conseguindo comprometer o próprio Freyre com a defesa da concepção de uma nação espalhada por vários continentes, convidando-o a fazer uma viagem pelo território do Ultramar de Portugal, ao que o sociólogo acedeu (Castelo, 2000, 2010). A série de viagens, que consistiu em visitas a todas as colónias portuguesas com a exceção de Timor e Macau, deu-se entre 1951 e 1952 (Castelo, 2000, 2010).

A colaboração de Freyre com o Estado Novo continuou e o sociólogo não desistiu de defender a existência de uma “irmandade lusófona” (Castelo, 2007, p. 13), mesmo confrontado com as guerras coloniais que eclodiram no início da década de 60 (Castelo, 2010).

Teoria e ideologia

As ideias nucleares do luso-tropicalismo prendem-se com características específicas dos portugueses que Freyre (1933) relaciona com o desempenho colonial desta nação. São estas a mobilidade - as numerosas viagens dos portugueses, juntamente com a importância dos portos de Portugal como pontos de encontro dos comerciantes das mais diversas origens, resultaram numa aptidão para a convivência tranquila com indivíduos oriundos de outros círculos civilizacionais; a miscibilidade, pedra angular da teoria, é definida como a alegada capacidade dos portugueses de se relacionar sexualmente com outras pessoas sem qualquer preconceito racial. Por último, a aclimatibilidade, isto é, as condições físicas de Portugal continental, sobretudo no Sul do país, são idênticas às do Norte de África ou de outras regiões na zona tropical, facto que, segundo Freyre (1933), representava uma vantagem dos portugueses relativamente a outras nações europeias. Assim, a capacidade de se adaptarem ao clima das regiões tropicais faz com que, deste ponto de vista, os portugueses não tivessem dificuldades em habitarem os trópicos de forma permanente.

Em suma, de acordo com Freyre (1933), o conceito de luso-tropicalismo, ou de civilização luso-tropical, fundamenta-se no fenómeno da miscigenação não somente num sentido biológico, mas sobretudo na sua dimensão cultural e social, quando o contacto mútuo entre os colonos

portugueses e os indígenas resulta no surgimento de uma entidade cultural original.

Críticas e atualidade da teoria

Apesar da larga aceitação da teoria luso-tropicalista, esta foi alvo de críticas concentrando-se estas nos pontos evidentemente fracos do conceito apresentado por Freyre (Castelo, 2011). Mário Pinto de Andrade foi o primeiro a denunciar as generalizações em que repousa a teoria do lusotropicalismo e o desinteresse que Freyre revelava pelos aspetos políticos e económicos da colonização (Castelo, 2011). Por outro lado, chama a atenção para a divergência entre a teoria e a prática, já que nos territórios tropicais colonizados pelos portugueses não se podia falar em reciprocidade cultural, constando assim a falta de fundamentos empíricos para afirmar a ausência de preconceito racial entre os colonizadores portugueses (Castelo, 2007, 2011; Curto, 2013). Uma outra crítica está associada ao carácter controverso do fenómeno da miscigenação, salientado por Gilberto Freyre, que se realizou quase em exclusivo na sua forma sexual fora do casamento, sem trazer qualquer benefício social, na maioria dos casos, para as mulheres da população nativa e para os seus filhos. Do mesmo modo, o historiador britânico Charles Boxer, que documentou e analisou as relações raciais nas colónias portuguesas (Castelo, 2011), considera que o racismo português existiu e não foi, de forma alguma, substituído pela vontade da mestiçagem na perspetiva da construção de uma sociedade inovadora. Assim, e como afirma Castelo (2011), a miscigenação “não pode ser vista como um indício de convivência pacífica, fraterna e igualitária entre pessoas de ‘raças’ diferentes” (p. 275).

Desta forma, as colónias portuguesas eram caracterizadas por sociedades patriarcais, não igualitárias e estratificadas social e racialmente e, ao contrário da crença luso-tropicalista, não terá havido um regime de aculturação recíproca, mas antes uma apropriação cultural por parte dos colonizadores (Castelo, 2011).

Por último, devido aos acontecimentos que sucederam à Revolução dos Cravos de 1974 (Castelo, 2007) – a descolonização relativamente caótica, o trauma persistente das guerras coloniais, a integração de Portugal

na União Europeia, em suma, todas as mudanças no campo internacional – influenciaram a forma como hoje se interpreta, aceita e investiga a permanência da teoria do luso-tropicalismo de Gilberto Freyre no imaginário da população portuguesa, pelo que a sua investigação é importante no combate à crença na superioridade e imunidade ao racismo presente na sociedade portuguesa.

Imigração em Portugal: uma visão geral

Na história dos países do Sul da Europa, a noção de imigração foi até muito recentemente mais frequentemente associada a cidadãos que emigravam para países do Centro e do Norte da Europa para escapar à pobreza, procurando um futuro melhor (Fonseca, Caldeira, & Esteves, 2002; Lages, Policarpo, Marques, Matos, & António, 2006; Malheiros, 2013).

Até meados da década de 70, a imigração em Portugal era escassa. A partir de então, fatores internos e externos contribuíram para a mudança da situação migratória. O estabelecimento de um regime democrático em 1974, o processo de descolonização africana, a internacionalização e modernização da economia portuguesa e o início da integração de Portugal na União Europeia foram elementos importantes para a posição portuguesa na migração internacional (Fonseca et al., 2002). Nesta década, a imigração até então limitada começou a crescer significativamente, principalmente devido à migração forçada de cerca de meio milhão de pessoas para Portugal no processo de independência das antigas colónias africanas em 1975 (Malheiros, 2013). Desta forma, o acolhimento dos cidadãos das ex-colónias teve um importante papel na imigração posterior proveniente desses países contribuindo para tal não só as relações familiares e sociais estabelecidas, bem como o facto de existir uma mesma língua oficial em comum (Fonseca et al., 2002). Como afirmam Fonseca et al. (2002), os países da Comunidade de Língua Portuguesa representam 55.4% do total de residentes estrangeiros legalizados em Portugal o que “sugere que até ao final dos anos 90, a imigração para Portugal estava intimamente ligada ao passado colonial do país” (p. 138). A partir dos anos 1998/99, observou-se também a entrada de imigrantes oriundos dos países da Europa de Leste (Cádima & Figueiredo, 2003; Ferin & Santos, 2008). Recentemente, tem vindo a observar-se um

crescimento na entrada de imigrantes de nacionalidade asiática, nomeadamente, chineses e indianos (Lages et al., 2006; Malheiros, 2013).

Atitudes dos portugueses face à imigração

Nas recentes eleições do Parlamento Europeu em 2014, os partidos populistas de direita obtiveram um número considerável de votos em muitos países (por exemplo, a Frente Nacional Francesa, o Partido da Liberdade da Áustria e o Partido Independente no Reino Unido). Durante as campanhas eleitorais, questões políticas como a imigração (por exemplo, de refugiados) foram apontados como temas-chave por uma série de partidos populistas de direita europeus (Beierlein, Kuntz, & Davidov, 2016). Desta forma, estes partidos apelam às atitudes negativas dos eleitores em relação a vários grupos específicos da sociedade, não se opondo à raça ou etnia de forma direta, mas sim utilizando um discurso que apela à manutenção da identidade nacional. Assim, é notória a influência dos *media* (Cádima & Figueiredo, 2003; Ferin & Santos, 2008; Malheiros, 2013) e dos discursos políticos, onde, frequentemente, se associa a imigração com acontecimentos negativos como o aumento do desemprego, sendo percecionada como uma ameaça à segurança, economia e identidade nacional (Ramos & Vala, 2009; Ramos, Pereira, & Vala, 2016; Vala, Pereira, & Ramos, 2006).

No estudo de Lages et al. (2006) foram exploradas três grandes áreas temáticas referentes às atitudes face à imigração numa amostra representativa da população portuguesa, entre elas: a resistência à imigração, os direitos e condições de repatriação dos imigrantes e a valorização da imigração. Entende-se por resistência à imigração a posição face ao número de imigrantes no país, nomeadamente, a possibilidade de redução do número atual. Neste estudo pôde observar-se que existe uma maior oposição aos imigrantes oriundos de países africanos, assim como um desejo de diminuição do número de imigrantes de outras nacionalidades, concluindo-se também que existe uma maior oposição a imigrantes que vão influenciar a economia portuguesa pois são percebidos como uma ameaça, facto este também observável noutros estudos da área (Stephan, Ybarra, & Bachman, 1999; Vala, Pereira, & Ramos, 2006).

Quanto às atitudes face aos direitos dos imigrantes, os autores centram-se em questões como o direito ao voto, o direito à nacionalidade ou ao reagrupamento familiar, bem como em argumentos para a repatriação de imigrantes, tais como a criminalidade e o desemprego (Lages et al., 2006). Neste ponto é de realçar o facto de os portugueses recuarem nas atitudes positivas de reconhecimento de direitos quando se trata de aspetos que são percebidos “como pondo em causa a ordem estabelecida ou os interesses económicos, traçando assim uma clara fronteira entre os “de dentro” e os “de fora” (Lages et al., 2006, p. 219). Assim, os resultados do estudo demonstram que os participantes são mais sensíveis ou demonstram ter atitudes mais positivas relativamente à imigração quando se fala no reagrupamento familiar, isto é, os participantes concordam que o governo deve permitir a legalização de imigrantes para que lhes seja possível trazer a família para Portugal. No que diz respeito à repatriação de imigrantes, a percentagem de concordância é alta para a política do governo de repatriar imigrantes que cometeram crimes (Lages et al., 2006).

Quanto à valorização da imigração por parte dos portugueses, esta prende-se com a compreensão da importância que os portugueses atribuem à imigração no campo cultural, económico e social do país. Segundo o estudo de Lages et al. (2006), os portugueses reconhecem o valor da imigração e dos imigrantes, pois consideram que estes fazem o trabalho que os portugueses não querem; os imigrantes vêm enriquecer a cultura portuguesa; e ainda que estes são fundamentais para a economia do país. De forma geral, os dados deste estudo indicam um entendimento geral da imigração como um fenómeno positivo para a sociedade portuguesa.

Aculturação

O termo aculturação foi inicialmente definido como "os fenómenos que resultam do contacto contínuo entre grupos de indivíduos com culturas diferentes, provocando mudanças subsequentes nos padrões culturais originais de um ou de ambos grupos" (Redfield, Linton & Herskovits, 1936, p. 149). A aculturação ocorre a dois níveis: individual e grupal (Berry, 2005). Embora a aculturação tenha sido estudada, a nível grupal, por várias disciplinas como a antropologia, a sociologia, a economia e a ciência

política, Graves (1967) é provavelmente o primeiro autor a sugerir a distinção entre aculturação a nível grupal e a nível individual. O autor denomina a aculturação a nível individual como "aculturação psicológica" e define-a como o processo pelo qual os indivíduos mudam e se adaptam ao contexto cultural em que vivem como resultado do contacto com outras culturas. A aculturação a nível grupal é definida como um conceito mais amplo constituindo uma mudança dentro da própria cultura que resulta, por sua vez, em mudanças a nível da população (Berry, 1997). Geralmente, a aculturação grupal leva algum tempo pois uma mudança ecológica não é um processo rápido, enquanto que a aculturação individual é uma mudança mais directa nos indivíduos, através do contacto com outra cultura. De acordo com Berry (2001), quando o alvo são os indivíduos, investiga-se o nível individual de aculturação; quando o alvo são os grupos ou uma população numa sociedade, referimo-nos à aculturação a nível grupal.

Dimensionalidade e estratégias

A aculturação foi originalmente pensada como um processo linear ou unidimensional (Graves, 1967), com indivíduos movendo-se de um polo (por exemplo, mantendo a cultura de origem) para outro (por exemplo, com a assimilação da cultura anfitriã). Este modelo implica um *continuum* bipolar, o que significa que o grau de perda da cultura de origem reflete o grau de assimilação à cultura de acolhimento, ou a manutenção da cultura de origem reflete o grau de separação da cultura de acolhimento.

No entanto, mais recentemente, Berry, Kim, Power, Young e Bujaki (1989) propuseram um modelo bidimensional de aculturação. O autor sugeriu que a orientação do indivíduo para a cultura de origem ou para a cultura de acolhimento podem ser consideradas dimensões independentes e não como extremidades opostas de um único continuum. Neste modelo, os imigrantes têm de lidar com duas questões centrais quando aculturam: (a) em que medida desejam manter a sua própria identidade étnica e/ou cultural e (b) em que medida estão motivados a identificarem-se com a cultura dominante. Consequentemente, a negociação destas duas questões centrais resulta em quatro estratégias de aculturação distintas: *integração* (identificação com ambas as culturas), *assimilação* (identificação

predominante com a cultura dominante), *separação* (identificação, principalmente com a cultura de origem) ou *marginalização* (baixa identificação com ambas as culturas) (Berry et al., 1989; Berry, 1992, 1997, 2011). Para ilustrar, imigrantes *integrados* que vivem em Portugal identificam-se tanto com a sua própria cultura de origem bem como com a cultura dominante portuguesa. Inversamente, os imigrantes que não querem manter a sua própria cultura e identidade, mas procuram integrar-se e embrenhar-se na cultura portuguesa, estão a utilizar a estratégia de *assimilação*. Os imigrantes que procuram manter a sua cultura de origem, mas não têm intenção de se integrar na cultura portuguesa, estão a utilizar a estratégia de *separação*. Finalmente, quando os imigrantes não desejam manter a cultura de origem ou adaptarem-se à cultura portuguesa, estão a utilizar a estratégia de *marginalização*. Múltiplos estudos empíricos indicam que a *integração* é a estratégia com a qual os respondentes (tanto membros do país de acolhimento, como imigrantes) concordam mais, seguida da *assimilação* e *separação*. A *marginalização* é a estratégia menos utilizada entre os imigrantes e membros do país de acolhimento, nos mais variados grupos étnicos (e.g., Berry et al., 1989, Dona, & Berry, 1994, Van Oudenhoven, Prins, & Buunk, 1998, Ward & Geeraert, 2016).

De acordo com Berry et al. (1989), a aculturação requer contacto entre pelo menos dois grupos culturais independentes, resultando em mudanças num ou em ambos os grupos. No entanto, na realidade, um grupo geralmente domina e contribui mais para o fluxo de elementos culturais do que o outro grupo (isto é, o grupo não dominante). Desta forma, Berry (2011) argumenta que o grupo dominante desempenha um papel crucial no processo de aculturação dos imigrantes. Isto é particularmente importante quando o grupo dominante "reforça certas formas de aculturação ou constrange as escolhas dos grupos ou indivíduos não dominantes" (Berry, 2011, p. 2.7). Por exemplo, só pode ser alcançada a integração das minorias étnicas quando a sociedade de acolhimento é aberta e inclusiva, quando tem uma orientação para a diversidade cultural. Assim, é necessário um acordo mútuo para que a integração seja alcançada. Esta estratégia exige que as minorias adotem os valores básicos da sociedade em geral, ao mesmo tempo que a sociedade de acolhimento deve estar preparada para adaptar as

instituições nacionais (educação, saúde, trabalho) para melhor atender às necessidades de outros grupos.

Deste modo, Berry (2011) afirma que o papel que os membros da sociedade de acolhimento desempenham leva ao surgimento de diferentes estratégias. A *assimilação*, quando procurada pelo grupo dominante, ou sociedade anfitriã, é denominada *melting pot*. Quando a *separação* é forçada pelo grupo dominante denomina-se de *segregação*. A *marginalização*, quando imposta pelo grupo dominante, é *exclusão*. Finalmente, para a *integração*, quando a diversidade cultural é uma característica da sociedade como um todo, incluindo todos os grupos etnoculturais, é denominada de *multiculturalismo*. Com base neste enquadramento, podem fazer-se comparações entre os indivíduos e os seus grupos etnoculturais, e entre os grupos não dominantes e a sociedade em que se estão a aculturar.

Modelo Interativo de Aculturação

Os investigadores têm expandido teorias e modelos de aculturação baseados no modelo bidimensional de Berry et al. (1989) mencionado anteriormente. Entre eles, Bourhis e seus colegas (Bourhis et al., 1997) desenvolveram o Modelo Interativo de Aculturação (MIA). Este é um modelo que enfatiza, sobretudo, o facto de os membros da cultura de acolhimento produzirem, não só julgamentos sobre as minorias étnicas, mas também expectativas específicas acerca da forma como os membros das minorias se devem relacionar com a sua própria cultura e com a cultura do país que os acolhe. Como no caso do modelo bidimensional de Berry et al. (1989), do ponto de vista dos membros do grupo dominante o MIA trata duas questões: (1) "Acha aceitável que os imigrantes mantenham a sua cultura de origem?" e (2) "Aceita que os imigrantes adotem a cultura da comunidade que os acolhe?" (Bourhis et al., 1997, p. 380). Das respostas a estas duas dimensões resultam cinco estratégias de aculturação: *integração*, *individação*, *assimilação*, *segregação* e *exclusão*. A única mudança no MIA é a junção de uma nova estratégia, a *individação* – as restantes são definidas de forma semelhante às presentes no modelo bidimensional de Berry et al. (1989) – sendo que os autores integram a *individação* no mesmo quadrante da *exclusão*, definindo-a como uma estratégia ou

orientação positiva. Ao adotarem a estratégia *individuação*, os membros do país de acolhimento não se distinguem como membros de um grupo, mas percebem e tratam cada indivíduo como sendo igual, independentemente da sua etnia ou estatuto social (Bourhis et al., 1997). Os autores afirmam que quando um indivíduo responde negativamente aos dois domínios (i.e. negação da manutenção da cultura de origem dos imigrantes no país de acolhimento e negação da adaptação dos imigrantes à cultura dominante), não o fazem porque preferem marginalizar os imigrantes, mas porque os identificam como um indivíduo, independentemente das suas origens nacionais.

É de referir que esta última estratégia não foi explorada neste estudo, sendo que foram só adotadas e estudadas as quatro estratégias – *integração*, *assimilação*, *segregação* e *exclusão* – de forma a simplificar a posterior interpretação dos resultados obtidos.

A diversidade cultural nas organizações

Ao mesmo tempo que aumenta a preocupação da sociedade e dos governantes em relação à discriminação e preconceito, há um crescente movimento das empresas para a adoção de programas de diversidade cultural. A gestão da diversidade cultural tornou-se um tema relevante na década de 90, em especial nos Estados Unidos e Canadá, como uma resposta empresarial à diversificação crescente da força de trabalho e às necessidades de competitividade (Sabharwal, 2014; Stevens, Plaut & Sanchez-Burke, 2008). Apesar de ser amplamente discutido na literatura, o tema da gestão da diversidade cultural ainda não constitui um corpo teórico bem definido. Contudo, de uma forma geral, esta é definida como a inclusão de indivíduos que diferem na raça, sexo ou cultura, numa sociedade ou organização (Cox & Blake, 1991; Reddy & Gizachew, 2014) e que pode ser identificada por características visíveis (raça, o género, idade e constituição física) e não visíveis (nacionalidade, religião e personalidade) (Mazur, 2010; Reddy & Gizachew, 2014).

Cox e Blake (1991) argumentam que as organizações precisam de se tornar multiculturais para capitalizar os benefícios e minimizar os custos associados à diversidade. Na perspetiva dos autores, uma organização

multicultural não trata apenas de contratar trabalhadores de múltiplas etnias e origens, mas deve celebrar também esta diversidade. Estes autores citaram seis vantagens associadas às organizações multiculturais: melhoria na capacidade para atrair e manter os melhores talentos, custos operacionais mais baixos, maior grau de criatividade e inovação, melhoria da imagem da organização, maior facilidade para solucionar problemas e aumento na flexibilidade organizacional. Diversos estudos sobre diversidade indicaram efeitos positivos da mesma para o indivíduo e para pequenos grupos (Cox, Lobel & McLeod, 1991; Sabharwal, 2014; Mazur, 2010; Stevens, Plaut & Sanchez-Burks, 2008), no entanto, outros estudos indicam que grupos heterogêneos tendem a ter um desempenho inferior à de grupos homogêneos (Pelled, Einsenhardt & Xin, 1999; Tsui, Egan & O'Reilly, 1992), apresentando maior dificuldade na cooperação e comunicação, levando a uma menor eficiência organizacional.

Parece que a relação entre diversidade cultural e desempenho organizacional é mais complexa do que sugerem os estudos realizados no âmbito dos indivíduos e dos pequenos grupos. Segundo Reddy e Gizachew (2014), esta relação pode ser influenciada por um grande número de fatores, internos e externos à organização. Um dos fatores são as características culturais específicas que os indivíduos desenvolvem como resultado do processo de socialização na cultura do seu próprio país. Deste modo, a implementação de programas de gestão da diversidade cultural eficazes, no âmbito de uma perspectiva estratégica de recursos humanos, reside na compreensão das diferentes culturas coexistentes na organização (Reddy & Gizachew, 2014; Stevens et al., 2008). Neste contexto, Mazur (2008) sugere que a diversidade cultural nas organizações poderá tornar-se uma fonte de vantagem competitiva sustentável, pois cria valor, é rara e difícil de imitar. Assim, as organizações podem beneficiar da inclusão de minorias étnicas na composição da força de trabalho, fazendo com que a flexibilidade e a sensibilidade cultural do grupo aumentem, o que é vantajoso em situações que exigem inovação e a conquista de novos segmentos de mercado (Cox & Blake, 1991; Reddy & Gizachew, 2014; Sabharwal, 2014). Adicionalmente, Cox e Blake (1991) sugerem que as empresas capazes de vencer a resistência à mudança colocada pela diversidade cultural estão mais aptas a lidar com as

exigências de um contexto instável.

De facto, não existe um consenso na literatura académica sobre os efeitos que a adoção de programas de gestão de diversidade cultural possam ter sobre a eficiência e eficácia organizacional. Assim, concluiu-se que a diversidade cultural pode representar um recurso estratégico, no entanto, o desenvolvimento do seu potencial depende de outros fatores do contexto interno e externo da organização. Como afirmam Robinson e Dechant (1997), o desempenho organizacional está diretamente relacionado ao desempenho dos trabalhadores e a soma de ambos define o sucesso organizacional a longo prazo. Desta forma, é preciso trabalhar a diversidade cultural numa dimensão individual – pela valorização das diferenças e sensibilização para o preconceito, o desenvolvimento da consciência cultural e comunicação intercultural e resolução de conflitos – bem como numa dimensão organizacional, alinhando a cultura da organização, sua missão, visão e valores com as práticas institucionalizadas (Hofstede, Neuijen, Ohayv, & Sanders, 1990).

II – Objetivos

A presente dissertação tem como objetivo geral averiguar a persistência das ideias luso-tropicalistas numa amostra de trabalhadores portugueses e sua associação com a preferência por determinadas estratégias de aculturação. São também analisadas as atitudes face à imigração e de que forma estas estão associadas ao luso-tropicalismo e à aculturação. É com base nesta análise que se exploram possíveis implicações para o contexto organizacional, tendo em conta as questões da diversidade cultural e a importância da sua gestão quer para o sucesso organizacional, quer para o bem-estar dos trabalhadores que nela trabalham.

Este estudo é de natureza exploratória, pretendendo recolher mais informação sobre temas que são pouco explorados na literatura, bem como contribuir para aprofundar o conhecimento acerca das representações sociais do luso-tropicalismo e suas repercussões no modo de pensar e agir dos portugueses. Assim, os objetivos específicos são:

- i. Contribuir para a tradução e adaptação da Escala de Aculturação em

Portugal;

- ii. Perceber de que forma é que as ideias do luso-tropicalismo continuam presentes nas representações da população portuguesa, mais especificamente numa amostra de trabalhadores portugueses;
- iii. Aprofundar o conhecimento sobre as atitudes dos trabalhadores portugueses acerca da integração de imigrantes e refugiados na sociedade portuguesa;
- iv. Estudar a associação entre o luso-tropicalismo e a adoção de determinadas estratégias de aculturação face à entrada e integração de imigrantes na cultura e mercado de trabalho português;
- v. Estudar a relação entre as estratégias de aculturação da amostra e uma maior ou menor abertura à entrada de refugiados em Portugal;
- vi. Analisar a relação existente entre o preconceito relativamente aos árabes residentes em Portugal e as atitudes em relação à abertura/restricção à entrada de refugiados;
- vii. Explorar possíveis implicações dos resultados obtidos na gestão organizacional.

III – Metodologia

Desenho da Investigação

Este é um estudo exploratório que visa aprofundar o conhecimento acerca da consistência interna e estrutura fatorial da Escala de Luso-tropicalismo e contribuir para a adaptação e tradução da Escala de Aculturação em Portugal. A investigação assenta num plano não experimental ou correlacional uma vez que não houve manipulação de variáveis independentes, sendo que também não é possível o controlo das características e/ou diferenças individuais dos indivíduos que compõem a amostra. Este estudo apresenta também um carácter descritivo ao explorar as médias dos dados obtidos, bem como a identificação e análise das correlações entre fatores ou variáveis.

Descrição da Amostra

A amostra em estudo consiste numa amostra ocasional que embora tenha como principal desvantagem não constituir uma amostra representativa da população portuguesa (tornando-se desaconselhável generalizações para a população geral), mostra ser, devido aos constrangimentos de tempo e de recursos, a opção mais adequada.

Os dados foram recolhidos tendo como único critério os sujeitos possuírem nacionalidade portuguesa e é composta por 169 trabalhadores de várias organizações portuguesas, situadas nas regiões Norte e Centro de Portugal Continental. As profissões exercidas inserem-se no setor secundário, caracterizando-se maioritariamente pelo trabalho na indústria fabril, e no setor terciário, caracterizando-se pela prestação de serviços, públicos e privados, maioritariamente no ramo da educação e saúde. Os participantes têm idades compreendidas entre os 19 e os 73 anos ($M = 41.26$; $DP = 11.68$), dos quais 129 são do sexo feminino (73.6%) e 40 do sexo masculino (23.7%).

A recolha dos dados teve por base a utilização do método do questionário autoadministrado. Este é um método standardizado, de aplicação rápida, sendo que uma análise quantitativa dos resultados destes questionários permite quantificar e sumariar os dados de forma rigorosa, neutra e objetiva. No entanto, este método é susceptível ao fenómeno da deseabilidade social (Brewerton & Millward, 2001; Robson, 2002).

Instrumentos

Relativamente aos instrumentos utilizados, foi entregue a cada respondente um questionário autoadministrado composto por várias secções. Uma das escalas mais pertinentes para o estudo em questão é a Escala de Luso-tropicalismo, criada por Valentim (2003), posteriormente desenvolvida por Pereira, Barros, Torres e Valentim (2015), sendo que a versão utilizada no questionário é composta por dezassete itens e foi desenvolvida por Valentim (2015). Os itens desta escala abordam o passado colonial português, as características dos portugueses e a relação com outros povos e

são pontuados segundo uma escala de Likert onde 1 corresponde a *discordo totalmente* e o 7 corresponde a *concordo totalmente*.

A Escala de Aculturação foi primeiramente conceptualizada por Berry, Kim, Power, Young e Bujaki (1989), no entanto, a escala presente no questionário fornecido aos participantes inclui doze itens, sendo que oito foram traduzidos e adaptados de Bourhis, Moise, Perreault e Senecal (1997) e referem-se a atitudes face aos imigrantes no mercado de trabalho e sua integração na cultura portuguesa (cf. Quadro 2). Os restantes quatro itens, relacionam-se com a valorização da diversidade ou da diferença e foram retirados da Escala de Diversidade Cultural presente na tese de mestrado de Heleno (2015), mais precisamente do fator denominado *Interesse pela Diferença* que demonstrava ser aquele com melhor consistência interna ($\alpha = .83$). Sendo este um estudo exploratório e devido à escassez de investigação em Portugal acerca deste tema, pretendeu-se, com a junção dos quatro itens, melhorar a consistência interna, fiabilidade e estrutura fatorial da Escala de Aculturação. Os itens são pontuados segundo uma escala de Likert onde 1 corresponde a *discordo totalmente* e o 7 corresponde a *concordo totalmente*.

Foram também incluídas no questionário três questões relativas às atitudes face aos imigrantes: uma primeira onde se questionava se, pensando nas pessoas que vêm viver para Portugal, estas tiram ou ajudam a criar novos empregos, pontuada numa escala contínua de 0 (*tiram empregos*) a 10 (*ajudam a criar novos empregos*); uma segunda questão onde são apresentadas várias opções a respeito da presença de imigrantes em Portugal, pedindo-se aos participantes que selecionem a posição que o governo deveria adotar a longo prazo relativamente ao repatriamento de imigrantes (1 corresponde a *todos os imigrantes, mesmo os que nasceram em Portugal*; 2 a *apenas os imigrantes que não nasceram em Portugal*; 3 a *somente os imigrantes que não contribuem para o crescimento económico de Portugal*; 4 a *apenas os imigrantes que não estão legalizados*; 5 a *apenas os imigrantes que cometeram crimes ou delitos graves*; e 6 a *o governo não deveria mandar embora nenhum dos imigrantes que vivem atualmente em Portugal*); e uma terceira questão onde se afirmava que a percentagem de imigrantes em Portugal é, atualmente, de cerca de 4%, questionando-se os participantes de que como gostariam que fosse esta percentagem, numa

escala contínua de 0 a *mais de 20*. Foi colocada também uma última questão em que foi pedido aos respondentes para indicarem qual deveria ser a política adotada pelo governo português face à entrada de refugiados oriundos do médio oriente, numa escala contínua em que 1 corresponde a *grande restrição à entrada* e 7 corresponde a *grande abertura à entrada*.

No final do questionário foram pedidos aos respondentes alguns dados sociodemográficos, como a idade, o sexo, a escolaridade e a profissão.

Procedimentos de investigação adotados

Em primeiro lugar, de forma a facilitar a análise e interpretação dos dados relativos à Escala de Luso-tropicalismo, foram invertidos quatro itens pois a atribuição de uma pontuação elevada nestes itens significava uma oposição às ideias luso-tropicalistas. Deste modo, os itens invertidos foram: *as pessoas de outras culturas têm mais dificuldade em integrar-se na sociedade portuguesa do que noutros países; o passado colonial de Portugal foi uma história de violência; a história colonial portuguesa caracterizou-se pela exploração e segregação dos povos colonizados; hoje em dia, a harmonia entre os portugueses e as pessoas de outras culturas é pequena comparada com a de outros países*. De seguida, procedeu-se a uma análise descritiva dos dados obtidos, calculando as médias aritméticas (medida de tendência central) e desvios-padrão (medida de dispersão e variabilidade) das respostas às escalas de Luso-tropicalismo e Aculturação, e às quatro questões relativas às atitudes face aos imigrantes e refugiados.

Posteriormente, realizou-se uma análise fatorial exploratória de componentes principais com as escalas de Luso-tropicalismo e Aculturação, com o objetivo de reduzir os dados num conjunto menor de fatores ou componentes que melhor representam as interrelações entre os vários itens. Numa primeira fase avaliou-se a adequabilidade dos dados através do teste de esfericidade de Bartlett e do índice de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). Seguidamente, procedeu-se à extração dos fatores ou componentes, identificando-se o número mínimo de dimensões que melhor representavam as relações existentes entre os itens sobre o luso-tropicalismo e sobre a aculturação. Deste modo, a análise e interpretação dos resultados foi facilitada.

Seguidamente, a opinião sobre os grupos residentes em Portugal foi utilizada como indicador para o cálculo do preconceito, mais especificamente relativo ao grupo residente *árabes*. Assim, segundo Vala, Brito e Lopes (1999), o preconceito é igual à diferença entre a opinião acerca dos portugueses e a opinião acerca do grupo alvo (neste caso, o grupo residente *árabes*), sendo que existe preconceito sempre que o resultado for maior que zero (Vala, Brito, & Lopes, 1999; Valentim, 2015).

De seguida, correlacionaram-se os resultados obtidos nas dimensões da Escala de Luso-tropicalismo com os resultados das dimensões da Escala de Aculturação. Foram também realizadas correlações entre as dimensões do luso-tropicalismo e os resultados obtidos nas três questões relativas às atitudes face aos imigrantes. Correlacionaram-se ainda as dimensões do luso-tropicalismo com o preconceito face aos árabes.

Por forma a compreender e validar a Escala de Aculturação, correlacionaram-se as dimensões obtidas nesta escala com os resultados das quatro questões relativas às atitudes face aos imigrantes e refugiados e ainda com o preconceito face aos árabes.

Para complementar a análise realizaram-se correlações entre o preconceito face aos árabes e a questão relativa às atitudes face aos refugiados.

IV – Resultados

Análises Fatoriais Exploratórias em Componentes Principais

Como descrito no ponto III (Metodologia), de forma a ser viável a realização da análise fatorial verificou-se, numa primeira etapa, a adequabilidade dos dados através do teste de esfericidade de Bartlett e do índice de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) nas duas escalas. Os resultados serão apresentados nos pontos seguintes.

1. Escala de Luso-tropicalismo

Nesta escala obteve-se, para o índice de KMO, o valor de .80 que, segundo Kaiser (1974), indica um bom nível de adequabilidade dos dados.

Quanto ao teste de esfericidade de Bartlett este mostrou ser significativo ($\chi^2(136) = 806.92, p < .01$).

Desta forma, realizou-se uma análise fatorial em componentes principais (ACP), com rotação *varimax*. Considerando-se apenas os coeficientes de saturação superior a .30, a análise realizada começou por evidenciar cinco fatores com valores próprios maiores que 1 e que explicavam 61.43% da variância total. No entanto, depois de uma análise e interpretação mais pormenorizada aos itens que compunham cada fator, chegou-se à conclusão que, em termos teóricos, não seria adequado manter os cinco fatores. Assim, após a realização de outras ACP's e de avaliar pormenorizadamente todas as opções possíveis, tendo como base as soluções encontradas noutros estudos, optou-se por reter quatro fatores que explicam 55.18% da variância total, sendo que o primeiro e segundo fator são congruentes com os estudos anteriores, ao contrário do terceiro e quarto fator (cf. Quadro 1) (Duarte, 2016; Heleno, 2015; Pereira et al., 2015; Silva, 2015; Valentim, 2003, 2015).

Desta forma, em termos teóricos, (cf. Quadro 1) o primeiro fator inclui cinco itens relativos à relação harmoniosa dos portugueses com povos de diferentes culturas e foi denominado de *Harmonia*. O segundo fator, denominado de *Capacidade de Adaptação*, contém seis itens que enfatizam a capacidade dos portugueses de integrar de forma bem-sucedida pessoas de outras culturas no país. Quanto ao terceiro fator, a que chamamos *Integração no Passado*, é composto por quatro itens que enfatizam a colonização portuguesa como um evento marcadamente positivo, trazendo vantagens tanto para os portugueses como para os habitantes das colónias. Por fim, o quarto fator contém dois itens invertidos que descrevem a colonização portuguesa como um evento histórico marcado pela paz, liberdade e inclusão por parte dos colonos portugueses para com os habitantes das colónias, designado por *Passado Benevolente*.

Quadro 1. Escala de Luso-tropicalismo – Análise em componentes principais: médias, desvios-padrão, saturação dos itens em 4 fatores após rotação varimax e estatísticas iniciais.

| | Factores | | | | | |
|---|----------|------|------------|-------------------------|-----------------------|---------------------|
| | M | DP | F1 | F2 | F3 | F4 |
| | | | Harmonia | Capacidade de Adaptação | Integração no Passado | Passado Benevolente |
| Em PT há menos racismo | 4.59 | 1.23 | .72 | .20 | -.03 | .22 |
| Conflitos entre PT e outros são pequenos | 5.09 | 1.17 | .66 | .27 | .10 | -.07 |
| Boas relações com outros povos | 5.44 | 1.10 | .67 | .32 | .21 | -.16 |
| Outras culturas mais respeitadas em PT | 4.47 | 1.19 | .65 | .08 | .22 | .14 |
| PT adaptaram-se à vida nos trópicos | 4.81 | .96 | .65 | -.06 | .26 | .16 |
| Cultura PT facilita integração de outras | 5.24 | 1.06 | .50 | .54 | -.02 | -.17 |
| Outras culturas têm + dificuldade na integração em PT | 4.89 | 1.04 | .04 | .64 | -.07 | .01 |
| Imigrantes têm boa impressão dos PT | 5.12 | 1.01 | .26 | .68 | .28 | -.06 |
| Características dos PT favoreceram colonização harmoniosa | 4.58 | 1.07 | .11 | .59 | .41 | .15 |
| PT têm boa impressão dos imigrantes | 4.41 | 1.14 | .19 | .58 | .07 | .32 |
| Harmonia entre PT e outros povos é + pequena | 4.63 | 1.17 | .20 | .31 | -.49 | .25 |
| Integração com povos colonizados | 4.35 | 1.25 | .31 | .20 | .61 | -.06 |
| Mestiçagem com povos colonizados | 4.49 | 1.11 | .34 | .05 | .61 | -.09 |
| História colonial PT mais pacífica que as outras | 4.12 | 1.15 | .20 | .17 | .70 | .23 |
| A colonização PT não foi tão opressiva como outras nações | 4.09 | 1.15 | .02 | .13 | .57 | .55 |
| Passado colonial PT violento | 4.15 | 1.29 | .12 | .02 | .10 | .76 |
| A colonização dos PT caracterizou-se pela exploração e segregação | 3.80 | 1.31 | -.008 | .047 | -.14 | .80 |
| Valores próprios | | | 4.80 | 1.84 | 1.61 | 1.13 |
| % de variância explicada | | | 17.21 | 13.33 | 13.31 | 11.33 |

No que diz respeito à consistência interna de cada fator, os valores do alfa de Cronbach para os quatro fatores são, respetivamente .76, .66, .72 e .60.

Depois de estabelecidas as dimensões nas quais se agregam os itens da Escala de Luso-tropicalismo, foram realizadas as médias aritméticas de cada uma delas. Assim, pela observação do Gráfico 1 pode constatar-se que o fator *Harmonia* é aquele que apresenta uma média mais elevada ($M = 4.88$; $DP = .81$), seguido do fator *Capacidade de Adaptação* ($M = 4.82$; $DP = .66$) e posteriormente do fator *Integração no Passado* ($M = 4.26$; $DP = .86$). O fator *Passado Benevolente* é aquele que apresenta a menor média ($M = 3.97$; $DP = 1.10$), contudo, esta não se afasta de forma acentuada do terceiro fator (*Integração no Passado*).

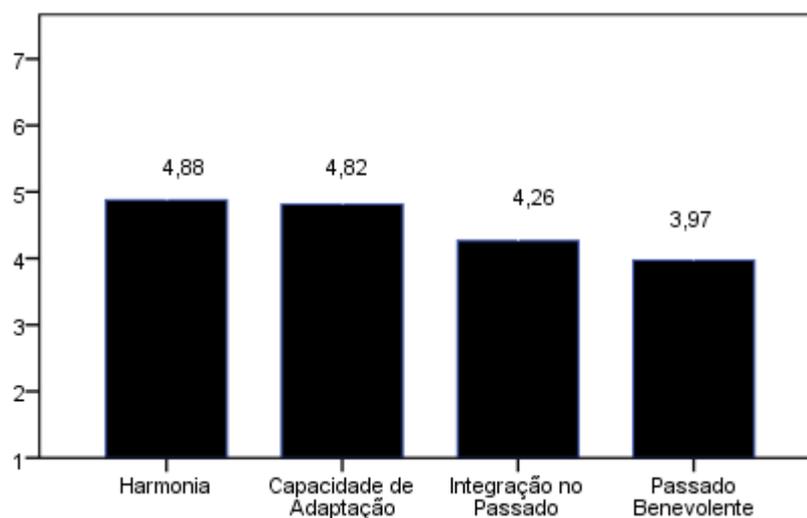


Gráfico 1. Valores médios dos 4 factores da Escala de Luso-tropicalismo.

O teste t para o valor médio de 4, revelou ser significativo para os três primeiros fatores (*Harmonia* ($t(165) = 14.10$, $p < .01$); *Capacidade de Adaptação* ($t(165) = 15.84$, $p < .01$); *Integração no Passado* ($t(165) = 4.18$, $p < .01$) podendo concluir-se que as médias pontuam acima do ponto médio da escala de Likert, evidenciando um grau de concordância por parte dos participantes, com os três fatores. O teste t para o fator *Passado Benevolente* não se revelou significativo ($t(165) = -.42$, $p > .01$), pelo que se conclui que a pontuação obtida neste fator se situa no ponto médio da escala de Likert, revelando uma posição neutra.

2. Escala de Aculturação

Nesta escala, tal como na anterior, a medida de KMO corresponde a um bom valor (.78) e o teste de esfericidade de Bartlett obteve um resultado significativo ($\chi^2(66) = 629.22, p < .01$).

Uma vez analisada a fatoriabilidade dos dados, iniciou-se a análise fatorial em componentes principais, com rotação *varimax*. Neste caso, foram obtidos dois fatores (consideraram-se os coeficientes de saturação superiores a .30) com valores próprios maiores que 1, que explicam 47.90% da variância total (cf. Quadro 2).

Deste modo, a primeira dimensão é composta por dois itens relativos à integração de imigrantes na cultura portuguesa e no mercado de trabalho português (ex.: Os empregadores devem considerar para contratação tanto um candidato imigrante como um português, independentemente dos hábitos culturais do candidato imigrante), originais da Escala de Aculturação construída por Bourhis et al. (1997) e pelos quatro itens retirados da Escala de Diversidade Cultural (Heleno, 2015) pelo que foi denominado de *Integração*. A segunda dimensão agrega itens que se opõem aos que integram o primeiro fator, isto é, referem-se à *assimilação*, *segregação* ou *exclusão* de imigrantes da possibilidade de se integrarem quer na sociedade, quer no mercado de trabalho português. Assim, este fator foi designado de *Exclusão*. Apesar de noutros estudos (Berry et al., 1989; Berry, 1997; Bourhis et al., 1997; Bourhis & Dayan, 2004; Montreuil & Bourhis, 2001, 2004) serem encontrados os valores médios das estratégias *Assimilação* e *Segregação*, neste estudo estas dimensões não foram evidenciadas na análise fatorial em componentes principais.

Quadro 2. Escala de Aculturação – Análise em componentes principais: médias, desvios-padrão, saturação dos itens em 2 fatores após rotação varimax e estatísticas iniciais.

| | Factores | | | |
|--|----------|------|------------------|----------------|
| | M | DP | F1 Integração | F2 Exclusão |
| Empregadores devem considerar contratar tanto um imigrante como um português | 5.10 | 1.61 | .46 | -0.34 |
| Gosto de ir a festas com música de outros países | 5.4 | 1.38 | .69 | -0.09 |
| Ouçõ várias vezes músicas de outras culturas | 5.58 | 1.44 | .73 | -0.06 |
| Imigrantes devem manter a cultura adoptando, ao mesmo tempo, a cultura PT | 5.52 | 1.36 | .60 | -0.17 |
| Perceber diferenças entre mim e outro melhora a nossa amizade | 5.85 | 1.25 | .83 | -0.03 |
| Conhecer diferentes experiências de outros ajuda compreender melhor os meus próprios problemas | 5.80 | 1.17 | .80 | -0.04 |
| Imigrantes devem adoptar a cultura PT em detrimento da sua | 3.48 | 1.65 | -0.01 | .69 |
| Imigrantes não deviam manter a sua cultura nem adoptar a cultura PT porque deveria existir menos imigração | 2.49 | 1.56 | -0.30 | .62 |
| Empregadores só devem contratar um imigrante se este se conformar aos hábitos de trabalho da cultura PT | 3.27 | 1.81 | .03 | .72 |
| Empregadores deveriam recusar sempre a contratação de um imigrante | 1.48 | .80 | -0.62 | .31 |
| Imigrantes podem manter a sua cultura desde que não a misturem com a cultura PT | 3.26 | 1.67 | -0.09 | .59 |
| Algumas funções deveriam ser atribuídas somente a candidatos PT e outras somente a candidatos imigrantes | 2.29 | 1.41 | -0.27 | .57 |
| Valores próprios | | | 4.02 | 1.73 |
| % de variância explicada | | | 28.83 | 19.08 |

No que diz respeito à consistência interna, o fator *Integração* apresenta um alfa de Cronbach de .79, enquanto que o fator *Exclusão* apresenta um valor mais baixo de .68.

Relativamente às médias aritméticas dos dois fatores, o fator *Integração* é aquele que apresenta uma média mais alta ($M = 5.55$; $DP = .96$), havendo uma clara concordância, por parte dos participantes, com os itens que compõem esta dimensão. Relativamente ao fator *Exclusão*, os respondentes expressaram um elevado grau de discordância com as afirmações que compõem este fator ($M = 2.71$; $DP = .94$).

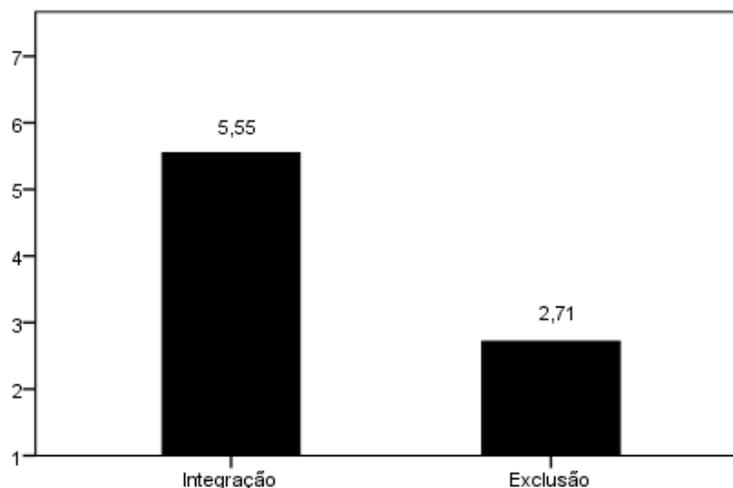


Gráfico 2. Valores médios dos 2 factores da Escala de Acluturação.

Análises descritivas

1. Atitudes face à imigração

A partir da observação do Quadro 3 pode constatar-se que na questão relativa à destruição ou criação de emprego por parte dos imigrantes (Q1) os participantes posicionaram-se no ponto médio ($M = 4.93$; $DP = 2.08$; $t(168) = -.44$, $p > .01$). Relativamente à questão sobre que posição o governo português deveria adotar (Q2) a média de respostas dos participantes é de 4.52 ($DP = 1.00$), e o teste t para o ponto médio 4 demonstra ser significativo ($p < .01$), o que leva a concluir que os participantes sugerem que o governo deveria adotar a posição de enviar para o seu país de origem *apenas os imigrantes que cometeram crimes ou delitos graves*. Por fim, a média das respostas à questão sobre a percentagem de imigrantes desejada em Portugal (Q3) é de 6.20 ($DP = 4.48$), que fica acima do valor de referência (a) como se pode verificar no Quadro 3 ($t(160) =$

6.23, $p < .01$) indicando que os participantes deste estudo expressam o desejo de que a percentagem de imigrantes em Portugal aumente.

Quadro 3. Atitudes face à imigração – Médias, desvios-padrão e teste $t(4)$ das 3 questões.

| | M | DP | t |
|--|------|------|------|
| Q1 Pensando nas pessoas que vêm viver para Portugal, diria que, em geral, elas tiram os empregos aos trabalhadores portugueses, ou que, em geral ajudam a criar novos empregos? | 4.93 | 2.08 | -.44 |
| Q2 Na sua opinião, que posição o governo deveria adoptar a longo prazo? | 4.52 | 1.00 | 6.64 |
| Q3 A percentagem de imigrantes em Portugal actualmente é de cerca de 4%. Como gostaria que fosse essa percentagem? (a = 4) | 6.20 | 4.48 | 6.23 |

2. Atitudes face aos refugiados e o preconceito face ao grupo de árabes residente em Portugal

Quanto às atitudes face aos refugiados, a média de respostas é 3.62 ($DP = 1.66$) posicionando-se abaixo do ponto médio da escala ($t(166) = -2.98$, $p < .05$) revelando assim uma ligeira inclinação das respostas dos participantes para o pólo negativo da mesma.

Para que se pudesse estudar a associação entre os dois resultados (atitudes face aos refugiados e preconceito face aos árabes), visível num dos pontos que vão ser apresentados a seguir, calculou-se um índice de preconceito com base na diferença entre a opinião acerca dos portugueses e a opinião acerca do grupo alvo *árabes* (Vala et al., 1999; Valentim, 2015). Desta forma, a média de respostas relativamente ao grupo residente *árabes* é de 3.13 ($DP = 1.50$), o que revela um grau de desfavorabilidade por parte dos participantes do estudo face a este grupo. Pelo contrário, relativamente ao grupo residente *portugueses*, há uma evidente favorabilidade ($M = 5.93$; $DP = 1.27$) a este grupo por parte dos participantes. Posto isto, o valor médio de 2.80 ($DP = 2.08$), evidencia a existência de preconceito, por parte dos participantes deste estudo, face ao grupo de árabes residente em Portugal, sendo esta diferença significativa ($t(165) = 17.39$, $p < .01$).

Estudo das relações entre as variáveis

1. Escala de Luso-tropicalismo e Escala de Aculturação, atitudes face à imigração e preconceito face ao grupo de árabes residente em Portugal

No Quadro 4 estão presentes as correlações entre os quatro fatores da Escala de Luso-tropicalismo e os dois fatores da Escala de Aculturação onde se pode observar que existem correlações, positivas, estatisticamente significativas entre três fatores do luso-tropicalismo, mais precisamente o fator *Harmonia* ($r = .290, p < .01$), *Capacidade de Adaptação* ($r = .347, p < .01$) e *Integração no Passado* ($r = .167, p < .05$) e o fator *Integração* da Escala de Aculturação.

No Quadro 4 pode também observar-se que existem duas correlações negativas, estatisticamente significativas entre o fator *Integração no Passado* e a questão sobre que posição o governo português deve adotar (Q2) ($r = -.210, p < .01$) e entre o fator *Passado Benevolente* e a questão sobre a percentagem de imigrantes desejada em Portugal (Q3) ($r = -.183, p < .05$).

Pode verificar-se que há uma correlação estatisticamente significativa positiva entre o fator *Integração no Passado* e o preconceito face ao grupo de árabes residente em Portugal ($r = .207, p < .01$).

Quadro 4. Correlações entre os factores do Luso-tropicalismo, os factores da Aculturação, atitudes face à imigração e preconceito face ao grupo de árabes residentes em Portugal

| | | Harmonia | Capacidade de Adaptação | Integração no Passado | Passado Benevolente |
|----------------------------------|--|-----------------|-------------------------|-----------------------|---------------------|
| Aculturação | | | | | |
| | Integração | <i>r</i> .290** | .347** | .167* | -.128 |
| | Exclusão | <i>r</i> -.098 | -.047 | -.030 | .048 |
| Atitudes face à imigração | | | | | |
| | Q1 Pensando nas pessoas que vêm viver para Portugal, diria que, em geral, elas tiram os empregos aos trabalhadores portugueses, ou que, em geral ajudam a criar novos empregos? | <i>r</i> .081 | .137 | -.039 | -.089 |
| | Q2 Na sua opinião, que posição o governo deveria adoptar a longo prazo? | <i>r</i> -.090 | -.152 | -.210** | .009 |
| | Q3 A percentagem de imigrantes em Portugal actualmente é de cerca de 4%. Como gostaria que fosse essa percentagem? | <i>r</i> -.079 | .026 | -.143 | -.183* |
| | Preconceito | <i>r</i> .109 | .135 | .207** | .019 |

** $p < .01$; * $p < .05$

2. Escala de Aculturação e atitudes face à imigração e refugiados e preconceito face ao grupo de árabes residente em Portugal

No Quadro 5 pode observar-se que a questão acerca da destruição ou criação de emprego por parte dos imigrantes (Q1) está positivamente correlacionada com o fator *Integração* ($r = .339$, $p < .01$) e negativamente correlacionada com o fator *Exclusão* ($r = -.218$, $p < .01$). A questão sobre que posição o governo português deve adotar (Q2) correlaciona-se de forma negativa com o fator *Exclusão* ($r = -.305$, $p < .01$) e, por fim, a questão sobre a percentagem de imigrantes desejada em Portugal (Q3) correlaciona-se de

forma positiva com o fator *Integração* ($r = .231, p < .01$) e de forma negativa com o fator *Exclusão* ($r = -.214, p < .01$).

As respostas ao item acerca das atitudes face aos refugiados correlacionam-se de forma positiva com o fator *Integração* ($r = .166, p < .05$) e de forma negativa com o fator *Exclusão* ($r = -.316, p < .01$).

Relativamente ao preconceito face ao grupo de árabes residente em Portugal, este está somente correlacionado, de forma positiva, com o fator *Exclusão* ($r = .260, p < .01$) e forma negativa com as respostas ao item acerca das atitudes face aos refugiados ($r = -.214, p < .01$) (cf. Quadro 6).

Quadro 5. *Correlações entre os factores da Aculturação e atitudes face à imigração e refugiados e preconceito face ao grupo de árabes residentes em Portugal.*

| | | Integração | Exclusão |
|---|----------|------------|----------|
| Atitudes face à imigração | | | |
| Q1 Pensando nas pessoas que vêm viver para Portugal, diria que, em geral, elas tiram os empregos aos trabalhadores portugueses, ou que, em geral ajudam a criar novos empregos? | <i>r</i> | .339** | -.218** |
| Q2 Na sua opinião, que posição o governo deveria adoptar a longo prazo? | <i>r</i> | .021 | -.305** |
| Q3 A percentagem de imigrantes em Portugal actualmente é de cerca de 4%. Como gostaria que fosse essa percentagem? | <i>r</i> | .231** | -.214** |
| Atitudes face aos refugiados | | | |
| Na sua opinião, actualmente, qual a política que deveria ser adoptada pelo governo português face à entrada em Portugal de refugiados provenientes do Médio Oriente? | <i>r</i> | .166* | -.316** |
| Preconceito | <i>r</i> | .000 | .260** |

** $p < .01$; * $p < .05$

Quadro 6. *Correlações entre o preconceito face aos árabes residente em Portugal e atitudes face aos refugiados*

| | Preconceito |
|--|------------------|
| Na sua opinião, actualmente, qual a política que deveria ser adoptada pelo governo português face à entrada em Portugal de refugiados provenientes do Médio Oriente? | <i>r</i> -.214** |

** $p < .01$; * $p < .05$

V – Discussão

A partir da análise dos resultados obtidos é possível afirmar que ainda persistem as ideias de luso-tropicalismo na amostra em estudo.

A concordância expressa com os itens que compõem os fatores *Harmonia*, *Capacidade de Adaptação* e *Integração no Passado* revela que os participantes acreditam que os portugueses mantêm relações harmoniosas com pessoas de outras culturas, bem como de os integrar na sociedade portuguesa. Aliado a isto, os participantes concordam com a ideia de que a colonização portuguesa ocorreu de forma pacífica, tendo sempre em vista o respeito pelos habitantes das colónias e suas tradições. No entanto, quando deparados com afirmações alusivas a um passado colonial benevolente, os participantes expressaram neutralidade acerca das mesmas.

Em estudos anteriores (Duarte, 2016; Heleno, 2015; Silva, 2015; Pereira et al., 2015, Valentim, 2003, 2015) os fatores *Integração no Passado* e *Passado Benevolente*, uniam-se num só fator. Estando a média das idades da amostra situada nos 41 anos, os participantes nasceram em pleno pós – 25 de Abril, expostos a toda a informação que era divulgada contra a ditadura, relatando toda uma série de eventos negativos levados a cabo pelo Estado Novo nas antigas colónias. Deste modo, o 25 de Abril trouxe, como imagem essencial, o fim de Portugal como nação imperial, levando à desconstrução do mito luso-tropicalista (Ribeiro, 2004). Assim, o facto de, nas análises fatoriais, ter havido uma separação, poderá dever-se a um aumento no grau de conhecimento e informação dos participantes acerca da realidade da história colonial portuguesa, explicando o porquê destes revelarem uma posição neutra relativamente às afirmações relativas ao fator *Passado Benevolente*. Deste modo, pode afirmar-se que parece haver uma crescente “descolonização do imaginário” dos portugueses (Macedo, 2016, p. 205).

Os resultados aqui apresentados revelam uma atitude positiva por parte dos participantes relativamente à entrada de imigrantes em Portugal, demonstrando ser mais positivos do que os apresentados no *European Social Survey* (ESS) de 2014 (Ramos, Loureiro, & Graça, 2016). No entanto, é expressada neutralidade relativamente à questão sobre a contribuição dos imigrantes para a criação de emprego, o que é congruente com os dados do ESS, relativos à perceção de ameaça económica (Ramos, Loureiro, & Graça,

2016). Assim, apesar da abertura à imigração, não se pode afirmar com clareza que existe uma valorização da imigração por parte da amostra, como no estudo levado a cabo por Lages et al. (2006). No que diz respeito ao repatriamento de imigrantes, a média de respostas dos participantes indica que o governo só deveria enviar para o seu país de origem os imigrantes que cometeram crimes ou delitos graves revelando uma atitude positiva relativamente à repatriação dos imigrantes que residem em Portugal.

Em relação ao acolhimento de refugiados, a média de respostas dos participantes vai no sentido da oposição à entrada de refugiados em Portugal, o que não se verifica quando se compara com a média europeia e portuguesa, presente nos resultados do ESS, que vão no sentido da abertura. É também visível a existência de preconceito face ao grupo residente *árabes* pelo que se pode comparar com os resultados do ESS relativamente à oposição dos portugueses à entrada de imigrantes muçulmanos (Ramos, Loureiro, & Graça, 2016).

É relevante referir que, comparativamente aos resultados do *European Social Survey* (Ramos, Loureiro, & Graça, 2016), que mostram uma maior abertura dos europeus, e em particular, dos portugueses à entrada de refugiados no país e uma maior oposição à imigração, os resultados obtidos neste estudo demonstram, em geral, uma maior abertura à imigração e uma maior oposição à entrada de refugiados em Portugal.

Como já foi referido, os dois fatores que compõem a Escala de Aculturação são a *Integração* e *Exclusão*, sendo que a amostra revela uma preferência pela estratégia *Integração*, relativamente à *Exclusão*, onde os participantes expressaram um evidente grau de desacordo com os itens que compõem este fator. Assim, pode afirmar-se que a amostra em estudo prefere integrar os imigrantes quer na cultura portuguesa, quer no mercado de trabalho português. Estes resultados são congruentes com os da literatura (Barrette, Bourhis, Personnaz, & Personnaz, 2004; Berry, 1997; Bourhis & Dayan, 2004; Montreuil & Bourhis, 2001, 2004). O fator *Integração* da Escala de Aculturação encontra-se associado, de forma mais evidente, ao fator *Capacidade de Adaptação* da Escala de Luso-tropicalismo, o que revela coerência e validade da escala, visto este último integrar itens que enfatizam a tolerância e capacidade de acolher, de forma bem-sucedida,

peças de outros povos ou culturas. O fator *Integração* correlaciona-se positivamente também com o fator *Harmonia* da Escala de Luso-tropicalismo, o que evidencia a crença, por parte dos participantes, de que os portugueses têm a tradição de se relacionar bem com os outros, existindo poucos conflitos com pessoas de outras origens. Como tal, a associação entre a *Integração* e a *Integração no Passado* vem enfatizar a crença nas características positivas atrás referidas, relativas aos portugueses.

Observando as correlações dos fatores do luso-tropicalismo com as atitudes face à imigração verifica-se que existe uma correlação negativa entre o fator *Integração no Passado* e a posição do governo quanto ao repatriamento de imigrantes, revelando que quanto maior a crença num passado colonial pacífico, mais negativas serão as atitudes perante o repatriamento de imigrantes. Já o *Passado Benevolente* está associado negativamente com a percentagem de imigrantes desejada em Portugal, portanto, quanto mais alta esta percentagem, menos concordância existe com afirmações de que o passado colonial português foi benevolente. É ainda de referir a associação positiva entre a *Integração no Passado* e o preconceito face ao grupo residente *árabes*. Quanto maior esse preconceito na amostra em estudo, maior é a crença num passado colonial pacífico e benevolente. Este demonstra ser um resultado interessante, visto ser esperado o inverso, isto é, uma associação negativa entre as duas variáveis, já que há a ideia de que os portugueses são, de certa forma, imunes a tensões e conflitos com outros povos, como expresso no valor da média do fator *Harmonia*. Assim, as representações estão em contradição com o conceito do luso-tropicalismo (Valentim, 2003), e como afirmam Vala, Lopes e Lima (2008), apesar da presença das representações de luso-tropicalismo nos participantes os proteger do preconceito flagrante, não os impede de exprimir formas subtis do mesmo. Assim, pode concluir-se que a adesão ao luso-tropicalismo é facilitadora do aparecimento do preconceito (Pereira et al., 2015; Valentim, 2003).

Numa tentativa de validar a Escala de Aculturação, foram realizadas correlações entre as dimensões da escala e as três questões que avaliam as atitudes face à imigração. Desta forma, quando pedida a opinião dos participantes quanto ao facto de os imigrantes tirarem ou criarem emprego,

esta encontra-se correlacionada positivamente com a *Integração* e negativamente correlacionada com a *Exclusão*. A percentagem de imigrantes desejados demonstra a mesma associação positiva com o fator *Integração* e negativa com o fator *Exclusão*, que a questão anterior. Assim, quanto maior a abertura à imigração, maior o desejo de integrar os imigrantes na sociedade portuguesa.

Quanto às respostas à questão acerca da posição que o governo deveria adotar, esta estabelece somente uma associação negativa com o fator *Exclusão*, mais uma vez demonstrando que quanto menor a preferência por excluir os imigrantes da sociedade portuguesa, mais tolerante deverá ser a política de repatriamento por parte do governo português.

Da mesma forma, perante as atitudes face aos refugiados, há também uma associação positiva com o fator *Integração* e negativa com o fator *Exclusão*. Para compreender melhor esta associação pode atentar-se à correlação negativa entre o preconceito face ao grupo residente *árabes* e a entrada de refugiados provenientes do Médio Oriente em Portugal, enfatizando que quanto maior o preconceito, maior a restrição à entrada de refugiados, por parte da amostra. Sustentando este resultado, o preconceito correlaciona-se de forma positiva com a *Exclusão*. Estes resultados demonstram ser pertinentes para a validação e progressiva construção da Escala de Aculturação em Portugal.

Os autores Samnani, Boekhorst e Harrison (2012, 2013) afirmam que as estratégias de aculturação adotadas, quer pelos trabalhadores pertencentes ao país de acolhimento, quer pelos trabalhadores imigrantes poderão servir de preditores para o tipo de práticas que a gestão de recursos humanos deverá adotar por forma a criar ou desenvolver uma cultura organizacional que valoriza a diversidade cultural. Desta forma, e apesar de os participantes do estudo adotarem a estratégia *Integração* – e esta ser a estratégia de aculturação mais benéfica para o bem-estar individual e laboral (e.g., satisfação no trabalho e comprometimento organizacional) (Berry & Annis, 1974; Oerlemans & Peeters, 2010; Peeters & Oerlemans, 2009; Schmitz & Berry, 2011) – mostrando estar recetivos à integração de imigrantes na sociedade e mercado de trabalho português, o mesmo não acontece no que toca à entrada de refugiados em Portugal, e por isto, a

imigração e a aculturação são tópicos importantes não só para o contexto nacional atual, mas também para o contexto organizacional, pois este é, cada vez mais, composto por uma força de trabalho culturalmente diversa. Deste modo, é importante referir que o desenvolvimento de competências culturais poderá ser uma importante ferramenta, onde, além de se trabalhar a valorização das crenças e valores de todas as culturas envolvidas, são abordadas também as principais dificuldades inerentes a um processo de aculturação, podendo, deste modo, ajudar-se os trabalhadores imigrantes a gerir o stress advindo da perceção das diferenças culturais encontradas entre a cultura de origem e a cultura do país de acolhimento (Nwadiora & McAdoo, 1996), fomentando um clima organizacional onde a diversidade cultural é valorizada e vista como uma vantagem perante o mercado onde a organização está inserida (Cox & Blake, 1991).

VI – Conclusões

Passaram já quatro décadas desde a era colonial portuguesa, contudo, e à semelhança de estudos anteriores, as ideias luso-tropicalistas persistem nas representações sociais dos portugueses. No entanto, apesar de o luso-tropicalismo ser caracterizado pela ideia de que os portugueses são imunes ao conflito e preconceito face a outras culturas, os resultados vêm corroborar aquilo que já foi afirmado noutros estudos: a crença na ideologia do luso-tropicalismo é um facilitador ou preditor do preconceito e não um inibidor, ao contrário daquilo que afirmava Gilberto Freyre, e que era a base da propaganda do Estado Novo.

Para além de terem sido analisadas as questões do luso-tropicalismo, foi também abordada a aculturação e suas estratégias, bem como as atitudes face à imigração. Os resultados obtidos corroboram a literatura existente, uma vez que a estratégia preferida pela amostra foi a *integração*. Relativamente às atitudes face à imigração, conclui-se que a amostra demonstra, em geral, abertura face à imigração e oposição face à entrada de refugiados em Portugal. Este resultado é inverso aos resultados do *European Social Survey* do ano de 2014.

Por fim, pode afirmar-se que os resultados mostram ser pertinentes e corroborativos da validade e atualidade da Escala de Luso-tropicalismo e,

apesar das limitações metodológicas do estudo, estes constituem um bom ponto de partida para o desenvolvimento da investigação relativa à aculturação e influência desta na gestão da diversidade cultural nas organizações, pelo que seria relevante estudar a interação das estratégias de aculturação, quer dos membros da sociedade dominante, quer das minorias étnicas, num contexto organizacional.

Referências Bibliográficas

- Barrette, G., Bourhis, R. Y., Personnaz, M., & Personnaz, B. (2004). Acculturation orientations of French and North African undergraduates in Paris. *International Journal of Intercultural Relations*, 28, 415-438.
- Beierlein, C., Kuntz, A., & Davidov, E. (2016). Universalism conservation and attitudes toward minority groups. *Social Science Research*, 58, 68-79.
- Berry, J. W. (1992). Acculturation and adaptation in a new society. *International Migration*, 30, 69-85.
- Berry, J. W. (1997). Immigration, Acculturation, and Adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 46, 5-68.
- Berry, J. W. (2001). A psychology of immigration. *Journal of Social Issues*, 57, 615-631.
- Berry, J. W. (2005). Acculturation: Living successfully in two cultures. *International Journal of Intercultural Relations*, 29, 697-712.
- Berry, J. W. (2011). Integration and Multiculturalism: Ways Towards Social Solidarity. *Papers on Social Representations*, 20, 1-21.
- Berry, J. W., & Annis, R. C. (1974). Acculturative Stress: The role of ecology, culture and differentiation. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 5, 382-406.
- Berry, J. W., Kim, U., Power, S., Young, M., & Bujaki, M. (1989). Acculturation attitudes in plural societies. *Applied Psychology: An International Review*, 38, 185-206.
- Bourhis, R. Y., & Dayan, J. (2004). Acculturation orientations towards Israeli Arabs and Jewish immigrants in Israel. *International Journal of Psychology*, 39, 118-131.
- Bourhis, R. Y., Moise, L. C., Perreault, S., & Senecal, S. (1997). Towards an interactive acculturation model: A social psychological approach. *International Journal of Psychology*, 32, 369-386.
- Brewerton, P., & Millward, L. (2003). *Organizational Research Methods: A guide for students and researchers*. London: Sage Publications.

- Cádima, F. R. & Figueiredo, A. (2003). *Representações (imagens) dos imigrantes e das minorias étnicas na imprensa*. Lisboa: ACIME.
- Castelo, C. (2000). Leituras da correspondência de portugueses para Gilberto Freyre. *Actas do VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: As Ciências Sociais nos Espaços de Língua Portuguesa: Balanços e Desafios*, 2, 422-444.
- Castelo, C. (2007). Memórias coloniais: Práticas políticas e culturais entre a Europa e a África. *Cadernos de Estudos Africanos*, 9/10, 9-21.
- Castelo, C. (2010). Prefácio à presente edição. In G. Freyre (Ed.), *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*, (pp. 11-29). São Paulo: É Realizações.
- Castelo, C. (2011). Uma incursão no lusotropicalismo de Gilberto Freyre. *Blogue de História Lusófona*, 261-280.
- Castelo, C. (2015). A mensagem luso-tropical do colonialismo português tardio: O papel da propaganda e da censura. *CECS-Publicações/eBooks*, 451-470.
- Cox, T. H., & Blake, S. (1991). Managing cultural diversity: Implications for organizational competitiveness. *Academy of Management Executive*, 5, 45-56.
- Cox, T. H., Lobel, S. A., & McLeod, P. L. (1991). Effects of ethnic group cultural differences on cooperative and competitive behavior on a group task. *The Academy of Management Journal*, 34, 827-847.
- Curto, D. R. (2013). The debate on race relations in the portuguese empire and Charles R. Boxer's position. *E-Journal of Portuguese History*, 11. Disponível em: http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejh/htmlissue21/pdf/v11n1a01.pdf. Acesso em: 14 de Novembro de 2016.
- Duarte, M. I. (2016). *Luso-tropicalismo e preconceito em contexto organizacional: um estudo das representações sociais com colaboradores portugueses*. Tese de mestrado em Psicologia: Universidade de Coimbra.
- Ferin, I. & Santos, C. L. (2008). *Media, Imigração e Minorias Étnicas – 2005-2006*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo

Intercultural.

- Fonseca, M. C., Caldeira, M. J., & Esteves, A. (2002). New forms of migration into de European South: Challenges for citizenship and governance – the portuguese case. *International Journal of Population Geography*, 8, 135-152.
- Freyre, G. (1933). *Casa Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal*. São Paulo: Global Editora.
- Graves, T. (1967). Psychological acculturation in a tri-ethnic community. *Southwestern Journal of Anthropology*, 23, 337-350.
- Heleno, A. M. C. M. (2015). *Luso-tropicalismo e diversidade cultural em contexto organizacional: um estudo das representações sociais dos estudantes universitários*. Tese de mestrado em Psicologia: Universidade de Coimbra.
- Hofstede, G., Neuijen, B., Ohayv, D. D., & Sanders, G. (1990). Measuring organizational cultures: A qualitative and quantitative study across twenty cases. *Administrative Science Quarterly*, 35, 286-316.
- Kaiser, H. F. (1974). An index of factorial simplicity. *Psychometrika*, 39, 31-36.
- Lages, M. F., Policarpo, V. M., Marques, J. C. L., Matos, P. L., & António, J. H. C. (2006). *Os imigrantes e a população portuguesa: Imagens recíprocas*. Lisboa: ACIME.
- Macedo, I. (2016). Youth and portuguese cinema: the (de)colonisation of the imaginary. *Comunicação e Sociedade*, 29, 291-309.
- Malheiros, J. (2013). *Diagnóstico da população imigrante em Portugal: Desafios e potencialidades*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- Mazur, B. (2010). Cultural diversity in organisational theory and practice. *Journal of Intercultural Management*, 2, 5-15.
- Montreuil, A. & Bourhis, R. Y. (2001). Majority acculturation orientations toward “valued” and “devalued” immigrants. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 33, 698-719.
- Montreuil, A. & Bourhis, R. Y. (2004). Acculturation orientations of competing host communities toward valued and devalued

- immigrants. *International Journal of Intercultural Relations*, 28, 507-532.
- Nwadiora, E., & McAdoo, H. (1996). Acculturative stress among Amerasian refugees: Gender and racial differences. *Adolescence*, 31, 477-477.
- Oerlemans, W. G. M., & Peeters, M. C. W. (2010). The multicultural workplace: interactive acculturation and intergroup relations. *Journal of Managerial Psychology*, 25, 460-478.
- Peeters, M. C. W., & Oerlemans, W. G. M. (2009). The relationship between acculturation orientations and work-related well-being: Differences between ethnic minority and majority employees. *International Journal of Stress Management*, 16, 1-24.
- Pelled, L. H., Eisenhardt, K. M., & Xin, K. R. (1999). Exploring the black box: An analysis of work group diversity, conflict, and performance. *Administrative Science Quarterly*, 44, 1-28.
- Pereira, C. R., Barros, C., Torres, A. R. R., & Valentim, J. P. (2015). *O papel do preconceito e do lusotropicalismo nas atitudes face à imigração qualificada*. Comunicação no 1º Congresso da Associação Internacional das Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa.
- Ramos, A., & Vala, J. (2009). Predicting opposition towards immigration: Economic resources, social resources and moral principles. In A. Gari, & K. Mylonas (Eds.), *Quod Erat Demonstrandum: From Herodotus' Ethnographic Journeys to Cross-Cultural Research* (pp. 245-254). Athens: Pedio Books Publishing.
- Ramos, A., Louceiro, A., & Graça, J. (2016). *Migrações e refugiados: Atitudes e percepções dos europeus*. Lisboa: ICS.
- Ramos, A., Pereira, C. R., & Vala, J. (2016). Economic crisis, human values and attitudes towards immigrants. In M. Voicu, I. C. Mochmann, & H. Dülmer (Eds.), *Values, Economic Crisis and Democracy* (pp. 104-137). London & New York: Routledge.
- Redfield, R., Linton, R., & Herskovits, M. J. (1936). Memorandum for the study of acculturation. *American Anthropologist*, 38, 149-152.
- Reddy, S. K., & Gizachew, E. (2014). Managing diversity and

- multiculturalism for organizational transformation. *International Journal of Research in Commerce & Management*, 5, 66-69.
- Ribeiro, M. C. (2004). *Uma história de regressos: Império, guerra colonial e pós-imperialismo*. Porto: Afrontamento.
- Robinson, G., & Dechant, K. (1997). Building a business case for diversity. *The Academy of Management Executive*, 11, 21-31.
- Robson, C. (2002). *Real World Research* (2nd Ed.). Oxford: Blackwell Publishing.
- Sabharwal, M. (2014). Is diversity management sufficient? Organizational inclusion to further performance. *Public Personnel Management*, 1-21.
- Samnani, A., Boekhorst, J. A., & Harrison, J. A. (2012). Acculturation strategy and individual outcomes: Cultural diversity implications for human resource management. *Human Resource Management Review*, 22, 323-335.
- Samnani, A., Boekhorst, J. A., & Harrison, J. A. (2013). The acculturation process: Antecedents, strategies, and outcomes. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 86, 166-183.
- Schmitz, P. G., & Berry, J. W. (2011). Structure of acculturation attitudes and their relationships with personality and psychological adaptation: A Study with immigrant and national samples in Germany. In F. Deutsch, M. Boehnke, U. Kühnen, & K. Boehnke (Eds.), *Crossing borders: Cross-cultural and cultural psychology as an interdisciplinary, multi-method endeavor*. Jacobs University Bremen.
- Stevens, F. G., Plaut, V. C., & Sanchez-Burks, J. (2008). Unlocking the benefits of diversity: All-inclusive multiculturalism and positive organizational change. *The Journal of Applied Behavioral Science*, 44, 116-133.
- Silva, A. F. G. C. R. (2015). *As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à percepção de ameaça face aos imigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses*. Tese de mestrado em Psicologia: Universidade de Coimbra.

- Stephan, W. G., Ybarra, O., & Bachman, G. (1999). Prejudice toward immigrants. *Journal of Applied Social Psychology, 29*, 2221-2237.
- Tsui, A. S., Egan, T., & O'Reilly, C. (1992). Being different: Relational demography and organizational attachment. *Administrative Science Quarterly, 37*, 549-579.
- Vala, J., Brito, R., & Lopes, D. (1999). *Expressões do racismo em Portugal*. Lisboa: ICS.
- Vala, J., Pereira, C., & Ramos, A. (2006). Racial prejudice, threat perception and opposition to immigration: A comparative analysis. *Portuguese Journal of Social Science, 5*, 119-140.
- Valentim, J. P. (2003). *Identidade e lusofonia nas representações sociais de portugueses e africanos*. Tese de doutoramento em Psicologia: Universidade de Coimbra.
- Valentim, J. P. (2005). Luso-tropicalismo e lusofonia: uma perspectiva psicossocial. *Via Latina, 6*, 67-73.
- Valentim, J. P. (2011). Representações sociais do luso-tropicalismo e olhares cruzados entre portugueses e africanos. In M. J. Simões (Coord.), *Imagotipos literários: Processos de (des)configuração da imagem literária*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Valentim, J. P. (2011b). Social Psychology and Colonialism: Luso-tropicalism as a Social Representation in the Context of Contemporary Portuguese Society. In J. P. Valentim (Ed.), *Societal Approaches in Social Psychology* (pp. 179-194). Berne: Peter Lang.
- Valentim, J. P. (2015). *O luso-tropicalismo como representação social: Variações e ancoragens*. Comunicação no 1º Congresso da Associação Internacional das Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa.
- Van Oudenhoven, J. P., Prins, K. S., & Buunk, B. P. (1998). Attitudes of minority and majority members towards adaptation of immigrants. *European Journal of Social Psychology, 28*, 995-1013.

Ward, C., & Geeraert, N. (2016). Advancing acculturation theory and research: The acculturation process in its ecological context. *Current Opinion in Psychology*, 8, 98-104.